

A MODERNIDADE E O (NEO)REGIONALISMO EM *CARTILHA DO SILÊNCIO*

Maria Helissa de Medeirosⁱ (UFRN)
Derivaldo dos Santosⁱⁱ (UFRN/PPgEL)

Este trabalho parte do pressuposto de que o romance *Cartilha do silêncio*, de Francisco Dantas, constitui-se de um duplo movimento. Um voltado para a experiência moderna com a ideia de que a modernidade está impregnada de contrários, como nos lembra Nietzsche; outro vinculado a modos de vida baseados na experiência tradicional, mais espontânea e com aspectos (neo)regionais. Interessa-nos, pois, analisar questões voltadas para o campo crítico-social que permeiam a vida e a história das personagens do romance, no que se refere à evocação do passado como instância de permanência da tradição em relação à vida social moderna, o que dá à narrativa um caráter paradoxal. Para subsidiar nossa análise, teremos como principal fundamentação teórica as reflexões de Marshall Berman constantes no livro *Tudo que é sólido desmancha no ar* e na obra *Os cinco paradoxos da modernidade*, de Antoine Compagnon. A fim de discutir acerca dos aspectos modernos da narrativa em estudo, a pesquisa apoia-se ainda no estudo de Karl Erik Schollhammer acerca do (neo)regionalismo, em *Ficção brasileira contemporânea*; no referencial teórico sistematizado por Rosenfeld, em seu ensaio *Reflexões sobre o romance moderno*, bem como do método crítico de Antonio Candido, no tocante à articulação entre texto e contexto, o literário e a vida social. Nesse sentido, o trabalho analisa como a identidade das personagens se constrói durante a narrativa e se mantém resistente à acomodação no seu contexto social na transição da tradição patriarcal para a modernidade, criando uma atmosfera de tensão entre os dois registros.

Palavras-chave: tradição, modernidade, (neo)regionalismo.

INTRODUÇÃO

Esta pesquisa elege como objeto de estudo a obra *Cartilha do silêncio*(1997), do sergipano Francisco José Costa Dantas. Sua obra o aproxima dos romancistas da década de 1930, numa mistura de inovação linguística recheada de pessimismo, nostalgia e meditação, o que o torna integrante de uma tradição literária regional.

O Brasil testemunhou, na década de 1930, a nova estruturação de uma realidade social, política, econômica e cultural que, segundo Alfredo Bosi (1980), presenciamos na contemporaneidade. Preocupados com o país em que viviam, os escritores de 1930 usaram a narrativa como instrumento de denúncia de uma realidade que, principalmente na região Nordeste, condenava muitos brasileiros à miséria.

De acordo com Antonio Candido (1976) o projeto literário da geração de 1930

ⁱ Maria Helissa de Medeiros é estudante de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL) da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN).

ⁱⁱ Prof. Dr. Derivaldo dos Santos da Universidade Federal do Rio Grande do Norte (UFRN) e do Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem (PPgEL).

pretendia construir uma literatura universal, através de uma rígida identificação com o local, revelando como uma determinada realidade socioeconômica influenciou a vida do homem. O modo encontrado para mostrar isso foi fazer com que o enredo das obras nascesse da relação entre o contexto socioeconômico e o espaço (caracterizado de modo bem definido). A maioria dos autores do período se baseou no conhecimento pessoal da realidade nordestina para desenvolver esse projeto. É o caso de Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego e Raquel de Queiroz, que trouxeram temas novos, como a seca, o cangaço, o fanatismo religioso, o coronelismo, a luta pela terra e a crise dos engenhos. Por isso, não podemos dar por esgotado o romance de 1930, pois segundo Alfredo Bosi(1970, p.443):

O quadro pressupõe que a literatura escrita de 1930 para cá forme um todo cultural vivo e interligado, não obstante as fraturas de poética ocorridas depois da II Guerra. Daí ser precoce dar como passados ou ultrapassados o romance social e o intimista dos anos 30 e de 40; de resto, ambos têm sabido refazer-se paralelamente às experiências de vanguarda.

Desse modo, herdeiros de uma forte tradição no romance brasileiro, alguns escritores contemporâneos deram prosseguimento às narrativas regionais. Um dos autores que traz essa vertente é Francisco José Costa Dantas. Seus romances combinam a abordagem regional à reconstituição histórica e social, como é o caso de *Cartilha do silêncio*.

Cartilha do silêncio pode ser considerado um romance de forte vertente regionalista porque traz à superfície de sua narrativa a estrutura de uma família patriarcal do interior de Sergipe. Porém, a obra de Francisco J. C. Dantas se materializa numa nova perspectiva de romance regional, uma vez que aquilo que ficou definido como a ficção da geração de 1930 aparece completamente transformado na modernidade. As marcas regionais são evidentes nos termos utilizados, mas, as questões tematizadas vão muito além de uma perspectiva regional. Em suas narrativas, Francisco Dantas fala dos grandes dramas humanos: a dor, a morte, o ódio, o amor, o medo. Indagações filosóficas aparecem nas reflexões de homens simples, incultos, deixando claro que os grandes fantasmas da existência podem ser identificados em qualquer lugar desde um grande centro urbano até no sertão.

1. O PARADOXO DA MODERNIDADE EM *CARTILHA DO SILÊNCIO*

A história da literatura nos mostra o artista como regente manipulador da palavra à sombra de um movimento disforme, como se o movimento que surge no espaço do agora já se apresentasse aos seus olhos por efeito de dizeres antigos. Nesse sentido, revisitar o passado é, a um só tempo, um ato de culto como reconhecimento da necessidade daquilo que se partiu de nós com o tempo, e um salto em direção a novas possibilidades, como se o interesse no passado estivesse em esclarecer o próprio presente (LE GOFF, 2003). Isso nos diz de uma experiência capaz de provocar o agora; proceder ao desdobramento do tempo, dinamizando o passado em direção ao presente, e este em relação àquele; procedimento de inquietação do tempo, apreendido como algo sempre cambiável.

Esse procedimento de inquietação do tempo se inscreve no romance através de Dona Senhora no momento em que ela arruma a bagagem na sua casa em Aracaju para visitar seu pai adoentado em Palmeira dos Índios, criando na ficção de Francisco Dantas uma atmosfera cambiável e ambivalente, como podemos ver na seguinte passagem da narrativa:

Aqui é o seu abrigo, o lugar a que deu vida, povoando-o com miúdas besteirinhas, o seu gosto pessoal. É o nascedouro do filho, o passado e o presente partilhados com Romeu. Este chão esfregado a minhas pisadas, estas paredes que abafam os meus suspiros, estão impregnados dos meus prazeres e ais, desde que me passei ao regime de mulher dona de casa. De forma que essa alteração mistura o seu normal e lhe tumultua as ideias, acudindo-lhe os destinos erradios, o saibro das desterradas. É como se, trancando a porta da frente, fosse se deparar com o vazio, enfrentar o desconhecido, se indo embora pra sempre, de cabeça amedrontada. (CS¹, p.14)

Como é possível notar, a angústia de Dona Senhora em abandonar o lar, a fazenda Varginha, mostra que o espaço da casa reflete as mudanças identitárias da personagem, bem como aponta os segmentos de tempo a que se refere: as lembranças provenientes do seu passado, o gosto pelo presente e a inquietação do futuro.

Marshall Berman (2007, p. 47), em sua obra *Tudo que é sólido desmancha no ar*, argumenta, citando Octávio Paz, que “a modernidade tenha sido cortada do passado e tenha de ir continuamente saltando para frente, num ritmo vertiginoso que não lhe permite deitar raízes ou retornar às suas origens para recuperar seus poderes de renovação”. Seu argumento básico então, é que se faz necessário buscar no passado o sentido e as raízes da

¹ DANTAS, Francisco J. C. Cartilha do silêncio. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. A partir desse momento, estaremos indicando a citação do romance em estudo pela sigla CS, seguido do número de página, por este trabalho adotar apenas a referida edição.

modernidade, pois os homens têm, além do desejo de crescimento, a necessidade de enraizamento em um passado social e pessoal coerente e estável. “Voltar atrás pode ser uma maneira de seguir adiante” (BERMAN, 2007, p. 49), lembrando os pensadores dos séculos anteriores para entendermos nosso próprio tempo. Para o crítico, “apropriar-se das modernidades de ontem pode ser, ao mesmo tempo, uma crítica às modernidades de hoje e um ato de fé nas modernidades – e nos homens e mulheres modernos – de amanhã” (2007, p.49).

Nesse sentido, a noção de modernidade só se dá através do contato com o que se foi, ou ainda do passado que persiste no presente capaz de esclarecer o futuro, pois o homem conserva raízes que a própria modernidade não consegue apagar. Raízes essas que podem ser a base, o sentido do processo de modernização, levando o homem a uma reação positiva e ao mesmo tempo negativa diante da modernidade, uma vez que a tradição se quer presente no contexto moderno. É o que ocorre no trecho a seguir em que Arcanja repara nas mudanças de Cassiano ao voltar do Rio de Janeiro para a fazenda da família:

Pouco a pouco, porém, foi dando fé que ele tinha algum senão que não se combinava com uma pessoa normal. [...] Parecia um estrangeiro sem conhecimento dos costumes, das pessoas, e até de língua travada. [...] E vejam que isso numa sociedade continuadora como esta, onde não aconteceram transformações que ele tivesse dificuldade em assimilar. [...] Os meses se sucediam por cima das semanas – e ele persistiu janota do mesmo jeito. O seu embiocamento decerto se nutria de motivos fundamente enraizados: do caiporismo que o apanhou a partir da primeira orfandade começada em Palmeira dos Índios, dos clamores de tia Senhora nesta casa, e de muitos outros insucessos que o abalaram na floração afetiva, e lhe truncaram a carreira bem encaminhada por regra de nascimento. (CS, p. 158-159)

Arcanja tenta encontrar explicações para a modernização de Cassiano não só no seu contato com o Rio de Janeiro, mas no seu passado. As raízes que a personagem carrega, como os infortúnios da família Barroso, o transformaram em um homem de carreira interrompida. Os sucessos que o berço familiar lhe garantia foram dizimados com a morte do pai, Romeu Barroso, a loucura da mãe, Dona Senhora, e a ambição do tio Belisário. Inclusive a estadia de Cassiano no Rio de Janeiro é uma consequência de todos esses fatos que abalaram a sua família. Assim, podemos dizer que é no passado de Cassiano que está o sentido de sua modernidade.

A modernização impregnada do capitalismo, trouxe vantagens inimagináveis para o

mundo em termos de produção, conhecimento e velocidade, mas também trouxe o seu contrário, ou seja, a incerteza, a miséria, o desemprego, a falta de valores e o esgarçamento da ética na nossa sociedade. O homem, que julgava encontrar na máquina a sua libertação e bem-estar, está cada vez mais a ela subjugado.

A visão que surge do século XX, segundo Berman, é composta pelos chamados “homem-massa”. Essas massas não possuem identidade ou personalidade, suas idéias e problemas não são deles, mas são programadas através de um controle maior que tem como função exatamente produzir os desejos que o sistema social é capaz de satisfazer. Surgem então massas perdidas no próprio ego e ocupadas em suas preocupações como carro, casa, roupa. De acordo Berman, a frase do mundo moderno é “a modernidade é constituída por suas máquinas, das quais os homens e mulheres modernos não passam de reproduções mecânicas” (2007, p. 40). Tais reproduções mecânicas podem ser evidenciada ainda nas palavras de Habermas (2000, p. 4):

[...] o mundo da vida racionalizado é caracterizado antes por um relacionamento reflexivo com tradições que perderam sua espontaneidade natural; pela universalização das normas de ação e uma generalização dos valores que liberam a ação comunicativa de contextos estreitamente delimitados, abrindo-lhe um leque de opções mais amplo; enfim, por modelos de socialização que se dirigem à formação de identidades abstratas do eu e que forçam a individualização dos adolescentes.

Em outras palavras, o que Berman e Habermas anunciam é que a modernidade tende a transformar o homem numa espécie de máquina programada com as mesmas regras de funcionamento, sem espontaneidade, o que dificulta o estabelecimento de relações sociais naturais, gerando uma sociedade artificial e individualizada.

No romance em estudo, esse procedimento se inscreve quando Arcanja percebe as mudanças da personagem Cassiano ao voltar do Rio de Janeiro para a fazenda da família, tomado por características modernas:

De fato. Os meses seguintes mostrariam que Cassiano era um misantropo que não cultivava amizades, nem dava ligança para as pessoas que o procuravam. [...] No meio dos conterrâneos saudáveis, interessados na vida, ele saía de parte, apenas se alheava. [...] Era um cidadão sem serviço, sem forças para lutar, sem dar seguimento a nada. [...] Depois que desandou a ler, dizem que os nervos não aguentaram. Então se contentou com o verniz dado pelas revistas ilustradas com arabescos e vinhetas, manuais práticos e enciclopédias. [...] E ainda por cima com

uma encrenca empastada – a mania das finuras. (CS, p. 159-160)

Nota-se que o contato de Cassiano com o Rio de Janeiro e, conseqüentemente com a modernidade, o “desprogramou” da vida tradicional. Cassiano tornara-se um “misantropo”, ou seja, aquele que não mantém convivência social, não se comunica. É como se a “máquina” Cassiano estivesse fora da sua área de funcionamento, por isso não podia exercer nenhum trabalho. Passou então para as leituras de manuais práticos e enciclopédicos, na tentativa de entender a “reprodução mecânica” que se tornou. A falta de ocupação trouxe-lhe outra preocupação: “as finuras”. Cassiano, então, precisava manter as aparências, pois no mundo moderno, a deterioração humana não pode ser externada, neste caso, a “máquina” pode não servir à sociedade, mas pode enfeitar o ambiente e fingir ou mascarar suas falhas.

Em um período relativamente curto da história, a modernidade englobou imensos avanços em prol da humanidade e a rapidez do progresso tornou-se um desafio no controle de pessoas e instituições. Assim, essa revolução contínua da modernidade capitalista acarretou um efeito social contrário e paradoxal que constitui o espírito moderno, segundo ainda Marshall Berman (1986, p. 13):

Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição. É sentir-se fortalecido pelas imensas organizações burocráticas que detêm o poder de controlar e frequentemente destruir comunidades, valores, vidas; e ainda sentir-se compelido a enfrentar essas forças, a lutar para mudar o seu mundo transformando-o em nosso mundo. É ser ao mesmo tempo revolucionário e conservador: aberto a novas possibilidades de experiência e aventura, aterrorizado pelo abismo niilista ao qual tantas das aventuras modernas conduzem, na expectativa de criar e conservar algo real, ainda quando tudo em volta se desfaz. Dir-se-ia que para ser inteiramente moderno é preciso ser antimoderno [...].

Assim, o espaço moderno se apresenta como um paradoxo capitalista pautado no desenvolvimento e na miséria. Nesse contexto, a miséria se torna subproduto indesejável e degradante da sociedade moderna. Desse modo, é necessário entender o vínculo indissolúvel que há entre o “revolucionário” e o “conservador”, o passado e o presente, o tradicional e o moderno, uma vez que estão imbricados um no outro, de tal modo que criam, no texto literário, um espaço de tensão entre um registro e outro. A esse respeito, é elucidativa a seguinte passagem da narrativa, na medida em que nos revela uma interferência de registros diferentes – o moderno e o tradicional – convivendo lado a lado:

é o que ocorre com a personagem Dona Senhora que:

Nunca enxergou bem como esse sentimento doméstico da mais entranhada devoção, da mais pacata matrona, veio se instalando nela, caladamente, nas costas dos anos, a ponto de quase lhe desbancar da memória os ímpetos que tinha na mocidade, a anseio mais de uma vez revelado de ser artista de palco, correndo o mundo-destino. Outrora, se munira de planos alheios a esse ranço caseiro, e agora, ainda no meio da vida, veio redundar cativa das mais tolas convenções. (CS, p.16)

A personagem Dona Senhora que outrora se chamara Rosário e sonhara em ser bailarina e percorrer os palcos da modernidade, precisou se despir de parte da sua história para assumir os valores e princípios de uma sociedade patriarcal através do casamento. Porém, mesmo que a personagem caladamente tenha aderido ao papel doméstico destinado à mulher, ela silenciosamente trazia as reminiscências de uma mulher à frente do seu tempo. Esse conflito existencial que aflige a personagem nos mostra que a ruptura entre as convicções do passado e as modernas estabelece o caráter paradoxal da modernidade, pois Dona Senhora e Rosário convivem na mesma personagem.

1.1. A ESTRUTURA ELÍPTICA DE *CARTILHA DO SILÊNCIO* E A FRAGMENTAÇÃO DO ROMANCE

O romance *Cartilha do silêncio* possui cinco capítulos até certo ponto autônomos. Cada capítulo focaliza a memória de uma personagem por vez, o que mostra o afastamento existente entre elas: Dona Senhora, Arcanja, Remígio, Mané Piaba e Cassiano Barroso. Cada uma tem sua memória particular, acentuando-se a solidão em que vivem. O que une os episódios no livro é a utilização de vários motivos recorrentes (os infortúnios da família barroso, as tradições e a modernização das personagens, os pensamentos fragmentados e seu conseqüente problema de comunicação entre as personagens, etc.), que dada a sua redundância e a maneira como são distribuídos, chegam a constituir um verdadeiro substituto da ação e da trama do livro. Inexiste, portanto, ao contrário do romance tradicional, uma evolução dramática, algo que possa crescer, episódio após episódio, criando uma evolução de caracteres e um clímax.

A visão de um mundo complexo e fragmentado pela modernidade manifestou-se na prosa de ficção com a ruptura da narrativa linear e totalizante e com a construção de uma narração desordenada, fragmentária, sem um foco narrativo claramente definido:

As unidades são autônomas, e cada uma constitui um fragmento porque faz parte de um conjunto aberto, uma série casual que não se atém ao esquema início-meio-fim do enredo, mas configura uma estrutura rizomática sem centro e sem sequencialidade causal interna. (SCHOLLHAMMER, 2011, p.81)

O romance de Francisco Dantas apresenta-se como uma narrativa elíptica, dando-nos a noção de obra aberta, repleta de fragmentos, que ora sugerem, ora explicitam a relação das personagens. Que deixa vaziar em seus interstícios os ecos de uma sociedade patriarcal em decadência e em transição. Porém, para entendermos todas as mudanças que ocorreram ao longo de 59 anos – lapso temporal que abarca o romance de Francisco Dantas – é necessário unir as memórias individuais e fragmentadas das personagens para que possamos ter acesso à experiência coletiva da família patriarcal em questão.

O romance moderno rompe com a ideia de linearidade, tão cara às narrativas tradicionais. De acordo com Rosenfeld (2009), o espaço e a cronologia são eliminados, surgindo a necessidade de uma absorção da realidade mais profunda e real do que o comum. A expressão total disto vem com o romance de consciência, uma vez que não vivendo mais "no" tempo, o homem agora passa a ser o tempo, tempo este não cronológico, mas sim uma atualidade que engloba tanto o passado, o presente e o futuro, misturados e quase sem identificação. A exemplo do entrelaçamento de diferentes tempos na mente de Cassiano Barroso, que se lembra de um passeio a cavalo com seu filho Remígio, quando esse ainda era menino e, dir-se-ia que quase concomitantemente, lembra-se também de seu próprio pai, Romeu Barroso:

[...] e olhem que não carecia de se maltratar, pois ainda não casara nem tinha Remígio que agora também lhe passeia na memória: vão de parilha na burra galega e no cavalo murzelo; cruzam a serrinha que é tempo da cajazeira botar; chupam as frutas aos bocados, competindo pra ver quem cospe mais longe os caroços; pilheriam correndo a vista no gado; olham devagarinho, emprestando a mesma ternura combinada, às duas velhas matrizes que ainda guardam, depois de tantos anos, uma pancada de sangue da vacaria de leite do pai saudoso, Romeu, que também salta de botas de uma loca do tempo e o alça na selinha o ensinando a montar. Menino de uns cinco anos, Barrosinho se balança desequilibrado, mas confiante nas mãos alongadas e protetoras do pai que o ampara e encoraja, quando o cavalo, puxado pelo empregado, começa lentamente a caminhar... (CS, p. 308)

A rememoração individual de Cassiano é o processo simbólico de que se vale para

conferir sentido à experiência e alcançar consolo perante as dificuldades da hora presente. A personagem relembra sua vida antes de casar, porém sua memória avança no tempo ao ser tomada pela lembrança do filho, Remígio, que passeia em sua mente a cavalo. Novamente a cena é interrompida, pois a sua memória remonta um passado ainda mais distante ao lembrar o pai, Romeu Barroso, que de repente lhe parece “saltar de uma loca do tempo” para ensinar a ele, Cassiano menino, a montar a cavalo.

Dona Senhora, por exemplo, esforça-se voluntariamente para trazer à tona suas lembranças para escapar às agruras do presente: “Carece dessas lembranças para compensar o buraco vazio que é a vida. Pois é. Tem horas que se sente arruinada” (CS, p.80). Isso caracteriza o romance de tensão interiorizada, segundo a classificação de Alfredo Bosi (1980), no qual as personagens “não se dispõem a enfrentar a antinomia eu/mundo pela ação: evade-se, subjetivando o conflito” (p. 440), assim como em *Cartilha do silêncio* apresenta as modalidades de um romance psicológico – memorialismo, intimismo, autoanálise.

Francisco Dantas molda-se a essa moderna estrutura narrativa, uma vez que rompe com a cronologia dos romances tradicionais devido a um aprofundamento na subjetividade e na realidade não mais do narrador, mas do personagem, que é colocado diante do leitor sem a presença do intermediário, como aponta o pensamento crítico de ROSENFELD (1996, p. 83-84)

A tentativa de reproduzir este fluxo de consciência – com sua fusão dos níveis temporais – leva à radicalização extrema do monólogo interior. Desaparece ou se omite o intermediário, isto é, o narrador, que nos apresenta a personagem no distanciamento gramatical do pronome “ele” e da voz do pretérito. A consciência da personagem passa a manifestar-se na sua atualidade *imediata*, em pleno ato presente, como um EU que ocupa totalmente a tela imaginária do romance. Ao desaparecer o intermediário, substituído pela direta do fluxo psíquico, desaparece também a ordem lógica da oração e a coerência da estrutura que o narrador clássico imprimia à sequência dos acontecimentos. Com isso esgarça-se, além das formas de tempo e espaço, mais uma categoria fundamental da realidade empírica e do senso comum: a da causalidade (lei de causa e efeito), base do enredo tradicional, com seu encadeamento lógico de motivos e situações, com seu início, meio e fim.

Rosenfeld compreende que este fluxo psíquico dá espaço para a radicalização do monólogo interior, característica essencial do romance moderno, onde a consciência da personagem se manifesta em sua atualidade e o ser humano se fragmenta e se

individualiza. A narrativa passa a ser um fluxo de consciência em que o personagem se transforma num tempo não cronológico, numa atualidade que abarca o passado, o presente e o futuro. Na trama da narrativa analisada, o eu de cada personagem parece mesmo, com movimentos de idas e vindas no tempo, constitui “a tela imaginária do romance”, situando-se para além da “ordem lógica” dos acontecimentos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Através da leitura do romance *Cartilha do silêncio*, podemos constatar que as memórias das personagens ao surgirem aleatoriamente, de acordo com as livres associações do fluxo de sua consciência, nos revelam fatos importantes ou até mesmo inconfessáveis que o estado de espírito abalado das personagens optou por calar. O contínuo exercício da memória traz à superfície da narrativa os dramas vividos, num movimento de atualização que aponta para um futuro incerto, inquietante como o presente que, por sua vez, foi marcado pelo passado.

Segundo Guys apud Compagnon (1996, p.25) “a modernidade é o transitório, o fugitivo, o contingente a metade da arte, cuja outra metade é o eterno e o imutável”. Desse modo, a modernidade deixa de opor-se ao passado e passa a contrariar a si mesma, mantendo relação com a eternidade. Seguindo essa perspectiva, de que o passado está impregnado no presente, podemos apontar para as marcas da convergência entre o tradicional e o moderno no romance de Francisco Dantas, pois em seus aspectos socioculturais e históricos, é possível notar que a cultura tradicional perpassa os domínios da modernidade, resistindo às transformações. E ainda, a ficção do autor move-se em direção às contravenções sociais vigentes, muitas vezes nos trazendo um discurso de crítica e protesto aos contextos tradicionais e modernos.

Portanto, a modernidade se faz presente em *Cartilha do silêncio*, na medida em que as personagens se mantêm resistentes de certa forma às experiências modernas erguidas ao longo das mudanças socioeconômicas as quais perpassam a história da família Barroso ao mesmo tempo em que apreendem aspectos dessa mesma modernidade.

Além disso, o romance de Francisco Dantas configura-se como (neo)regionalista, porém, o universo ficcional agora se caracteriza pelo uso particular da linguagem e por tratar de temas próprios a todos os seres humanos envolvendo o leitor em uma rede de histórias que abrem espaço para a reflexão sobre as grandes questões universais que atormentam o ser humano. Essas questões dizem respeito a temas como o bem e o mal, a sanidade e a loucura, o certo e o errado, o amor e a morte, o acaso e o destino.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. Tradução Carlos Felipe Moisés, Ana Maria L. Ioriatti. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. São Paulo: Cultrix, 1980.

CANDIDO, Antonio. *Literatura e sociedade: estudos de teoria e história literária*. 5 ed. São Paulo: Nacional, 1976.

COMPAGNON, Antoine. *Os cinco paradoxos da modernidade*. Tradução Cleonice P. B. Mourão, Consuelo F. Santiago, Eunice D. Galéry. Belo Horizonte: UFMG, 1996.

DANTAS, Francisco J. C. *Cartilha do silêncio*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade: doze lições*. Tradução Luiz Sérgio Repa, Rodnei Nascimento. São Paulo: Martins Fontes, 2000. (Coleção tópicos)

LE GOFF, Jacques. *História e memória*. Tradução Irene Ferreira, Bernardo Leitão, Suzana Ferreira Borges. 5 ed. São Paulo: Unicamp, 2003.

ROSENFELD, Anatol. *Texto/contexto I*. São Paulo: Perspectiva, 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. *Ficção brasileira contemporânea*. 2 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2011. (Coleção contemporânea: Filosofia, Literatura e artes)